

# humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

## A OUTRA FACE DE ENEIAS \*

A morte tem muitas caras. Tantas quantos os morituros. Porque a sua, a verdadeira, é sempre igual à vida. Muito bem o sabiam os Latinos, que à morte e à vida deram um sexo apenas, o sexo feminino. No mundo mediterrânico, a Deusa-Mãe que gera a vida é a mesma que gera a morte. A diferença consiste só no movimento, no sentido desse movimento, de uma luz para outra luz, percorrendo o caminho da escuridão.

Há dois mil anos, Virgílio percorreu esse caminho. E foi um caminho doloroso. Tão doloroso que, no leito da morte, o poeta quis destruir o seu poema. O poema que era o seu testemunho. E teria destruído, se o deixassem, por suas próprias mãos. Era uma forma de destruir, simbolicamente, as suas angústias e incertezas, o espectro da derrota final. Mas não o deixaram. Virgílio também não insistiu. Tantas vezes tinha sido contrariado na vida que mais uma, à beira da morte, nem sequer destoava.

---

\* Lição proferida no II Curso de Actualização de Línguas e Literaturas Clássicas (Faculdade de Letras de Coimbra: Abril de 1982). Sobre a interpretação exposta, consultar, principalmente: ALLAIN, R., "Une 'nuit spirituelle' d'Énée": *REL* 24 (1946) 189-198; BRISSON, J.-P., "Le 'pieux Énée!': *Latomus* 31 (1972) 379-412; CLAUSEN, W., "An interpretation of the *Aeneid*": *HSCPh* 68 (1964) 139-147 (= *Virgil* ed. COMMAGER, S., Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1966, 75-88); COMMAGER, S., "Introduction" to *Virgil* cit., 1-13; DE GRUMMOND, W. W., "Aeneas despairing": *Hermes* 105 (1977) 224-234; DELLA CORTE, F., "Presentazione" dell' *Eneide*. Traduzione, presentazione e commento di ....., Milano, Mursia, 1974, 5-12; JOHNSON, W. R., *Darkness visible. A study of Vergil's "Aeneid"*, Berkeley — Los Angeles — London, University of California Press, 1976; MAGUINNESS, W. S., "L'inspiration tragique de l'Énéide": *AC* 32 (1963) 477-490; PARRY, A., "The two voices of Virgil's *Aeneid*": *Arion* 2 (1963) 66-80 (= *Virgil* cit., 107-123); PERRET, J., "Optimisme et tragédie dans l'Énéide": *REL* 45 (1967) 342-362; PUTNAM, M. C. J., *The poetry of the "Aeneid"*. Four studies in imaginative unity and design, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1966; QUINN, K., *Virgil's "Aeneid"*. A critical description, London, Routledge & Kegan Paul, 1968 (1969, 1978); STAHL, H.-P., "Aeneas — an 'unheroic' hero?": *Arethusa* 14 (1981) 157-177; WIESEN, D. S., "The pessimism of the eighth *Aeneid*": *Latomus* 32 (1973) 737-765; WILSON, J. R., "Action and emotion in Aeneas": *G & R* n. s. 16 (1969) 67-75.

Mas o seu gesto ficou, como ficara no seu testamento. E o seu poema também ficou, como ele o escreveu. E aí está, com todas as angústias e incertezas do seu criador. Pior ainda: com o espectro da derrota final. A derrota de tudo quanto amava — a paz, a fraternidade, a comunhão entre vencidos e vencedores. O poeta-profeta via mais que Augusto. Os erros do passado dão erros no futuro. A impiedade é fonte de outra impiedade. Do ódio só pode nascer mais ódio. E assim por diante, até ao regresso ao caos. Há dois mil anos, Virgílio morreu profundamente infeliz.

Um poema épico supõe, geralmente, guerras e generais. A tradição tem muita força, e mais ainda no género épico: a *Illada* ditava as suas leis. Em pleno século XVII, o *Paraíso Perdido* de Milton ainda se compraz em narrar, pela boca do arcanjo Rafael, a grande batalha, travada nas alturas do céu, entre os esquadrões de Deus e os de Satã. Um poema épico em Roma era inconcebível sem guerras nem generais: havia Névio e Ênio antes de Virgílio. Mas Virgílio não amava as guerras — e, dos generais, apenas aqueles que tivessem coração. A vitória é uma derrota, a breve ou a longo prazo, se não for mortificada com a fraternização. Ora Virgílio não via essa fraternização: via encarniçamento, prepotência, autocracia, a lei do mais forte a criar revoltados, resignados ou extintos. Um mundo amarguroso que parecia exigir a repulsa do isolamento. Virgílio tentou esse isolamento, mas a ataraxia epicurista foi uma experiência fracassada. O vendaval das guerras civis despedaçava todas as portas: roubou as terras do poeta e esteve a ponto de lhe roubar a vida. Pior ainda, talvez, o traumatismo da guerra de Perúsia. O vencedor, como se quisesse renovar a prática bárbara dos sacrifícios humanos, mandou degolar, votados aos manes de César, trezentos membros da aristocracia perusina. E aos condenados, que lhe suplicavam piedade, respondia: «Têm de morrer!» Este vencedor assassino chamava-se Octávio, e seria Augusto, o árbitro da *pax Romana*.

Bem se compreende, por isso, que Virgílio não sentisse entusiasmo para escrever um poema épico. A sua formação neotérica era uma desculpa suficiente (mas não integral) na hora das solicitações:

*Buc.* 6. 3-5 *Cum canerem reges et proelia, Cynthia aurem uellit et admonuit: 'Pastorem, Tityre, pinguis pascere oportet ouis, deductum dicere carmen.'*

«Quando me dispunha a cantar reis e combates, Cíntio / beliscou-me a orelha e avisou-me: ‘Um pastor, Títiro, / deve apascentar ovelhas que sejam gordas, mas entoar um canto que seja fino.’» (O Apolo de Calímaco tinha falado de «incenso espesso» e «musa ligeira»: em Virgílio, limitava-se a adaptar as imagens ao mundo dos pastores.)

«Quando me dispunha a cantar...»: a essa disposição corresponderia, na altura, um plano consistente? O comentador Sêrvio afirma que sim, que Virgílio teria empreendido uma epopeia dos reis albanos; depois, *asperitate nominum deterritus*, «escandalizado com a selvajaria dos nomes», teria desistido da ideia. Mas a tentação da épica está patente na bucólica 4, datável de 40/39 a.C., que principia assim:

*Buc. 4. 1-3 Sicelides Musae, paulo maiora canamus:  
non omnis arbusta iuuant humilesque myricae.  
Si canimus siluas, siluae sint consule dignae.*

«Musas de Sicília, elevemos um pouco o tom de nossos cantos: / nem a todos agradam os arvoredos nem os humildes tamarindos. / Se cantamos os bosques, os bosques sejam dignos de um cônsul.»

Dez anos passados, a atitude do poeta tinha mudado radicalmente. Virgílio estava disposto a celebrar a glória de Augusto:

*Georg. 3. 10-16 Primus ego in patriam mecum, modo uita supersit,  
Aonio rediens deducam uertice Musas;  
primus Idumaeas referam tibi, Mantua, palmas;  
et uiridi in campo templum de marmore ponam  
propter aquam, tardis ingens ubi flexibus errat  
Mincius et tenera praetexit harundine ripas.  
In medio mihi Caesar erit templumque tenebit.*

«Antes dos mais, se a vida der espaço, eu hei-de voltar à minha pátria / e trazer comigo, do cimo do Aónio, as Musas; / antes dos mais, eu hei-de restituir-te, ó Mântua, as palmas idumeias; / e, na planura verdejante, um templo eu hei-de erguer, de mármore, / à beira de água, lá onde, caudaloso, vagueia, em lentos meandros, / o Míncio, e orla, de um tenro canal, as margens. / No centro, César eu hei-de colocar e ele há-de ser o senhor do templo.»

Que se tinha passado entretanto? A vitória decisiva de Octávio sobre António e Cleópatra na batalha de Áccio. Depois do longo pesadelo das guerras civis, a claridade de uma paz que prometia ser duradoira. O mundo romano estava agradecido. Virgílio estava agradecido — e disposto a pagar a sua dívida. A experiência das *Geórgicas* tinha sido animadora. Um poema podia ser composto em quadros parcelados. Virgílio podia ser Homero (e Apolónio), sem renegar Calímaco.

Mas aqui principiaram as incertezas do poeta. Sem recuo no tempo, uma epopeia descamba em panegírico. O sorrir das ninfas, num painel, adora cinquenta anos de sol-posto: ainda fresco da tinta, de que serve?... só para reclamar dentífricos. Depois Augusto não era um herói. Entendamo-nos: não era o herói clássico. Para avançar um pé, queria o outro bem firmado. Para ganhar batalhas, precisava de que António ou Agripa lhe comandassem as tropas. Em vez de atacar Persas e Hindus, em vez de renovar campanhas de Alexandre, preferia obter vitórias diplomáticas. Era bem o herói reverso, amigo da paciência, súbdolo e temporizador quando convinha, cruel nas horas más, lhano e afectuoso nas boas, esfíngico de símbolo em moedas, sensual, mas inexoravelmente tenaz e obstinado como um romano.

Por outro lado, o fantasma das guerras civis não estava esconjurado: em 26 a.C., o poeta Cornélio Galo, prefeito do Egipto e grande amigo de Virgílio, caía em desgraça e era constrangido ao suicídio; em 23, dois *optimates*, Murena e Cepião, acusados de conjura contra Augusto, eram executados, depois de um julgamento sumário e à revelia; no mesmo ano, o jovem Marcelo, sobrinho e indigitado sucessor do príncipe, morria em circunstâncias misteriosas, com o boquejado envolvimento de Lívia; Agripa, ressentido, afastava-se da corte; Mecenas e Augusto resfriavam, depois do adultério do César com a mulher do valido; o imperador, doente e suspeitoso, dava sinais de insofrimento.

O poema de Virgílio sofreu os golpes e contragolpes desta situação. Não seria um *Bellum Actiacum* nem um panegírico de Augusto. Também não seria uma epopeia histórica, à maneira dos *Annales* de Ênio. Seria uma epopeia homérica passada na feira de um alexandrinista. Uma epopeia nova e pessoal — a epopeia dos esforços (tantas vezes malogrados) de um homem para vencer o lastro do humano: a fixação no passado, o gosto amargo das lágrimas, a corrosão das dúvidas e da angústia, a tentação da barbárie em si e nos outros. Seria, no estilo

e no desenvolvimento, uma epopeia *sui generis*, uma epopeia subjectiva. Subjectiva na empatia entre o autor e as personagens, subjectiva na correlação dos símbolos mitológicos com os acontecimentos psicológicos, subjectiva nas relações entre o herói principal e o seu criador.

Aqui reside a actualidade da *Eneida*, aqui reside o seu interesse permanente. Aos olhos do homem do nosso tempo, não é a glorificação da missão de Roma que faz a grandeza do poema: depois da Revolução Francesa, depois da Revolução Russa, depois das grandes conquistas espaciais, o homem do nosso tempo sente-se mais cidadão do universo do que cidadão de qualquer pátria. Também não é a arte admirável de Virgílio que nos atrai para o estudo da *Eneida* — porque o homem do nosso tempo aprendeu a desconfiar da arte que não sirva a convivência com a sorte dos seus irmãos. Para o homem do nosso tempo, a grandeza da *Eneida* está na sua própria contradição: na afirmação, profundamente vivida e profundamente trágica, da infelicidade dos seus heróis, da infelicidade da própria condição humana.

Eneias está diante da evocação da guerra de Tróia, nas pinturas de um templo, em Cartago. E ei-lo que chora, como Ulisses chorou, na corte de Alcínoo, ao ouvir o canto de Demódoco. Mas as suas lágrimas são mais dolorosas: Ulisses era um vencedor, Eneias é um vencido; Ulisses ia regressar a casa, e para Eneias não há casa nem regresso — não há *nostos*, mas só *nostalgia*. Eneias chora sobre si mesmo, sobre a miséria dos homens — como choraram dois inimigos, Aquiles e Príamo, na mesma tenda, diante do cadáver dilacerado de Heitor; como chorava Virgílio, desoladamente, quando perdia um amigo querido:

*Aen.* 1. 462 *sunt lacrimae rerum et mentem mortalia tangunt.*

«há lágrimas para o infortúnio e o destino dos mortais comove os corações.»

Eneias é filho de uma deusa e eleito dos deuses para executar uma missão providencial. Mas Virgílio fez dele um homem melancólico, que viaja de Tróia para Roma — de um passado que perdeu para um futuro que nunca há-de possuir. Com escândalo dos antigos e de alguns modernos, Eneias é o único herói épico que, na sua primeira

apresentação, nos aparece a desejar a morte. Juno desencadeou uma tempestade para o afastar de Itália: Eneias, trespassado de horror, ergue os braços ao céu e exclama:

1. 94-101 *'O terque quaterque beati  
quis ante ora patrum Troiae sub moenibus altis  
contigit oppetere! O Danaum fortissime gentis,  
Tydide, mene Iliacis occumbere campis  
non potuisse tuaque animam hanc effundere dextra,  
saeuos ubi Aeacidae telo iacet Hector, ubi ingens  
Sarpedon, ubi tot Simois correpta sub undis  
scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit!'*

«Oh três e quatro vezes ditosos / aqueles que, diante dos olhos de seus pais, sob as altas muralhas de Tróia, / a sorte concedeu que baqueassem! Ó tu, que foste o mais bravo da estirpe dos Dánaos, / filho de Tideu! Ah, porque é que eu não pude tombar nos campos de Ílio / e exalar esta alma sob os golpes da tua mão, / lá onde, indomável, jaz, abatido pelo dardo do Eácida, Heitor; lá onde < jaz > o gigantesco / Sarpédon; lá onde o Símois arrasta e revolve, em suas águas, tantos / escudos de heróis e os seus capacetes e os seus corpos poderosos!»

E mais tarde, na Sicília, quando as mulheres troianas, cansadas de peregrinações, incendiam a frota, Eneias rasga os vestidos e pede a Júpiter que lhe acuda ou o fulmine por suas próprias mãos:

5. 691-692 *'Vel tu, quod superest, infesto fulmine morti,  
si mereor, demitte tuaque hic obrue dextra.'*

«Ou o que resta, aniquila-o tu mesmo com o teu raio destruidor, / e, se assim o mereço, liquida-me aqui já por tuas próprias mãos.»

Eneias não é um covarde, mas teve outras vezes a tentação da morte. Na última noite de Tróia, quando tudo estava perdido — o inimigo penetrara na cidade, graças ao cavalo da traição; as casas ardiam; a resistência era impossível —, Eneias recebe, de Heitor sanguinolento e desfigurado como a urbe, a ordem divina de partir e de edificar uma



nova pátria, além do mar. O herói não obedece, nem mesmo quando o sacerdote Panto lhe brada:

2. 325-327 *'Fuimus Troes, fuit Ilium et ingens gloria Teucrorum. Ferus omnia Iuppiter Argos transtulit.'*

«Acabaram os Troianos, acabou Ílio e a imensa / glória dos Teucros. Impiedoso, tudo Júpiter transferiu / para Argos.»

Eneias reúne um grupo de desesperados como ele e grita-lhes:

2. 353-354 *'Moriatur et in media arma ruamus. Vna salus uictis nullam sperare salutem.'*

«Morramos, lançando-nos no meio das armas! / Só há uma salvação para os vencidos: não esperarem nenhuma salvação.»

É o desvario daquele que há-de ser considerado o herói da sensatez e da *pietas*. Eneias bate-se como um leão, até chegar ao palácio real. A sua bravura só vacila quando assiste à morte de Príamo e vê o corpo do rei decapitado na areia da praia:

2. 557-558 *Iacet ingens litore truncus auolsunque umeris caput et sine nomine corpus.*

«Ali jaz, um tronco enorme, na praia; / e, arrancada dos ombros, uma cabeça; e, já sem nome, um corpo.» (Exactamente como Pompeio, degolado ao desembarcar em Alexandria.)

Profunda inanidade da glória! É então que Eneias se lembra do pai, da esposa, do filho. Mas avista Helena, fonte de todas as desgraças, e precipita-se sobre ela para a matar. É necessário que Vénus intervenha e lhe faça entrever, com um olhar miraculoso, os grandes deuses empenhados na destruição de Tróia. Anquises, por sua vez, recusa-se a partir: e logo Eneias decide regressar à luta. Mas os deuses suscitam dois prodígios sucessivos: uma chama sacra na cabeça de Ascânio e uma estrela que aponta o caminho do Ida. Então fogem todos; e aquele herói que desafiava a morte estremece agora ao apreender um simples hálito, um simples rumor. Fogem,

mas perdem Creúsa, a esposa de Eneias, na fuga: porque Creúsa é o passado, e o passado deve morrer.

O passado deve morrer — e, no entanto, não morre. Ressuscita logo à partida, na dor e na saudade:

3. 10-11 *litora cum patriae lacrimans portusque relinquo  
et campos ubi Troia fuit.*

«as praias da minha pátria assim as deixo, chorando, e os seus portos / e os campos onde Tróia existiu.»

O oráculo de Apolo endereça-os para a sua «madre antiga»: na opinião de Anquises, será Creta — e, em Creta, Eneias funda Pérgamo, do nome da cidadela de Tróia. É o passado a pesar com toda a força: por isso Pérgamo não dura — é devastada pela peste. Há que partir de novo; e, de novo, o passado está à espera. Depois de muitas aventuras, atingem o mar Iónico e, na costa do Epiro, a cidade onde vivem Andrómaca, viúva de Heitor, e Heleno, filho de Príamo. É uma pequena Tróia, com as mesmas portas, com o mesmo rio, com os mesmos mortos no coração. Andrómaca e Heleno vivem de recordações, vivem de simulacros; e não podem dizer-se felizes: apenas resignados. Mas para Eneias são felizes, só porque encontraram um destino. Qual destino? Uma nova Tróia. Ainda, e sempre, a obsessão do passado. E o passado a morrer ao lado de Eneias, primeiro o pai, na Sicília, depois a própria ama, na Campânia.

Mas entre a Sicília e a Campânia, houve Cartago. E, em Cartago, a mais perigosa das tentações: a tentação do amor. Dido apaixonou-se por Eneias; Eneias retribuiu, incautamente. E, durante meses, adormentou a consciência da sua missão: quis sarar as feridas do exílio e das viagens, rodear-se de conforto, dirigir a edificação de palácios novos. Uma deliquescência perigosa, como a de António no Egipto. Até que, exasperada, a sombra de Anquises o advertiu em sonhos; e Júpiter, por intermédio de Mercúrio, lhe deu uma ordem formal: abandonar Cartago, abandonar Dido, abandonar o amor. A rainha, no auge do desespero, acusou, ameaçou, suplicou... Eneias resistiu, firme agora como um roble alpino. Mas as suas lágrimas correram de novo, sem poder para mudarem a ordem inelutável dos fados:

4. 449 *mens immota manet, lacrimae uoluntur inanes.*

«a decisão perdura, inabalada; as lágrimas rolam — em vão.»

O desenlace foi — tinha de ser — profundamente trágico: quando as naus troianas se fazem ao largo, Dido amaldiçoa Eneias e suicida-se, depois de projectar sobre Roma o fantasma de um vingador, Aníbal, que há-de nascer das suas cinzas de mulher abandonada. Eneias cometeu uma culpa, culpa involuntária, e todavia fatal:

4. 361 *'Italiam non sponte sequor.'*

«A Itália — não é por minha vontade que a demando.» (cf. 6.460 *'inuitus, regina, tuo de litore cessi'*: «foi contra vontade, rainha, que abandonei as praias do teu reino.»)

«Foi contra vontade»: Eneias protesta, mas obedece — e condena uma inocente, condena o seu amor, condena uma parcela da própria descendência. Que deuses são estes que oprimem inocentes? Que deuses são estes que se alimentam de sangue e de dor, como o ventre de Moloch dos corpos das crianças? Depois de Dido, será Palinuro e Miseno e Euríalo e Niso e Palante e Lauso e Camila e Turno e Marcelo... Virgílio buscava entender, Eneias também — mas acabavam por chorar, um com o outro, tantas vítimas *ante diem* imoladas.

O herói troiano desce agora ao mundo dos mortos: leva na mão o Ramo de Oiro, um símbolo misterioso, a luz na escuridão, a vida na morte. A catábase de Eneias é um esforço para entender, para matar o passado, para renascer para uma vida nova. Um esforço apenas, porque tudo o que é humano está sujeito à frustração: Virgílio sabia-o tão bem como nós. No limbo dos suicidas está Dido, pálida como a lua entre as nuvens, e pedrificada perante aquele que tanto amou. Em vão Eneias se justifica, em vão Eneias se esforça por lhe arrancar uma lágrima que seja uma memória do passado. Dido — como Ajax diante de Ulisses — responde com o silêncio; depois, arranca-se dali e vai juntar-se ao amor de outrora, ao esposo Siqueu. Eneias fica a sós com os seus brados e o seu desespero:

6. 465-466 *'Siste gradum teque aspectu ne subtrahe nostro.  
Quem fugis? Extremum fato quod te adloquor hoc est.'*

«Suspende os teus passos e não te furtas ao meu olhar. / Sabes de quem estás a fugir?... A derradeira vez em que o destino me consente falar-te é esta.»

Dido foge ao contacto de Eneias: pretende negar o seu amor. Mas também lhe fugira a esposa, também lhe fugirá o pai: e ambos desejariam afirmar o seu amor:

2. 792-794 (= 6. 700-702)

*Ter conatus ibi collo dare bracchia circum;  
ter frustra compressa manus effugit imago,  
par leuibus uentis uolucrique simillima somno.*

«Três vezes, naquele instante, < Eneias > tentou envolver-lhe o pescoço com os braços; / três vezes, em vão cingido, o fantasma se esvaiu de entre as mãos: / e parecia uma aragem ligeira e em tudo semelhante um sonho alado.»

A própria mãe lhe foge, em Cartago, deixando-lhe apenas uma bela imagem sobrenatural: o nácar fulgente da nuca, os cabelos de ambrósia, o aroma divino, o andar etéreo...

1. 407-409 *'Quid natum totiens (crudelis tu quoque) falsis  
ludis imaginibus? Cur dextrae iungere dextram  
non datur ac ueras audire et reddere uoces?'*

«Porque a teu filho tantas vezes iludes (também tu és cruel) com enganosas / imagens? Porque não será lícito unir a minha mão à tua mão / e ouvir e responder palavras de verdade?...»

É difícil conceber frustração maior para um eleito. Um eleito que dir-se-ia condenado à insatisfação e ao espectáculo da morte. Um eleito que, na hora decisiva, pretende deixar ao filho a lição da coragem e do esforço, e não a da ventura, que não teve:

12. 435-436 *'Disce, puer, uirtutem ex me uerumque laborem,  
fortunam ex aliis.'*

«De mim aprende, meu rapaz, o destemor e a inteireza do trabalho; / de outros, a fortuna.»

Mesmo na hora da suprema exaltação patriótica, quando Anquises mostra a Eneias a revoada dos heróis nascituros, mesmo nessa hora, a última figura traz a fronte envolvida em uma sombra ágoireira. É um

jovem de dezanove anos, mas está condenado pela inveja dos deuses:

6. 882-886 *'Heu, miserande puer, si qua fata aspera rumpas,  
tu Marcellus eris. Manibus date lilia plenis,  
purpureos spargam flores animamque nepotis  
his saltem accumulem donis et fungar inani  
munere.'*

«Ai jovem desventurado! Se de algum modo puderes vencer a crueza dos fados, / tu serás Marcelo. Ofertai lírios às mãos-cheias, / deixai que espalhe flores rutilantes, e a alma do meu neto / eu a recubra, ao menos, destas dádivas... E assim lhe preste esta homenagem / — vã.»

Se nem a piedade tem poder para esquivar a morte, bem se compreende a dolorosa surpresa do herói perante o alvoroço das almas que se preparam para regressar ao lastro dos corpos:

6. 721 *'Quae lucis miseris tam dira cupido?'*

«Porquê, nesses desventurados, um almejo tão sinistro da luz?...»

Momento de horror na poesia antiga: Aquiles, no mundo dos mortos, suspirava pela luz do alto; Eneias, que tanto sofreu na vida, maravilha-se de que alguém pretenda regressar a ela. «Desventurados», «almejo sinistro da luz»: palavras tremendas, sem dúvida. Não pode ser-se mais pessimista nem menos “mediterrânico”.

Heleno, primeiro, a Sibila, depois, Anquises, por fim, tinham sido bem claros: era a guerra que esperava Eneias em Itália:

6. 86-90 *'[...] Bella, horrida bella,  
et Thybrim multo spumantem sanguine cerno.  
Non Simois tibi nec Xanthus nec Dorica castra  
defuerint; alius Latio iam partus Achilles,  
natus et ipse dea [...].'*

«[...] Guerras, pavorosas guerras, / e o Tibre a espumar de sangue a jorros — é o que eu vejo. / Nem o Símois nem o Xanto nem os dóricos acampamentos / te hão-de faltar; outro Aquiles já nasceu para o Lácio, / e também ele é filho de uma deusa. [...]»

Eneias tinha de fazer a guerra para alcançar a paz. A paz que dá direito a governar. E governar é a vocação do Romano — como intensamente o sublinhou Anquises no passo mais famoso do poema:

6. 851-853 *'tu regere imperio populos, Romane, memento  
(hae tibi erunt artes), pacisque imponere morem,  
parcere subiectis et debellare superbos.'*

«a ti, Romano, compete governar os povos com a tua autoridade, lembra-te bem / (estas serão as tuas artes), e estabelecer normas para a paz, / poupar os que se submetem e derrotar os soberbos.»

*Parcere subiectis et debellare superbos*: preceito fundamental da prática romana, reafirmado, no tempo de Virgílio, por Lívio (30.42.17), por Horácio (*Carmen saeculare* 51-52), pelo próprio imperador na «rainha das inscrições», as *Res gestae Divi Augusti* (3.1). Sem humanidade, não há governação, mas despotismo. O sangue invoca mais sangue. O vencedor tem de abdicar da vitória: fazer-se perdoar do vencido. Só assim vencedor e vencido serão carne e alma da nova civilização.

Eneias estava advertido. Mas, muitas vezes, não basta estar advertido: é necessário estar imunizado. A guerra é apegadiça, como os bubões da pestilência. Virgílio não podia e não quis ignorá-lo. Eneias praticou excessos condenáveis, até sacrifícios humanos, como Augusto em Perúsia. Tinha visto tombar guerreiros de uma parte e de outra, e muitos eram jovens; tinha visto tombar Palante, único enlevo de seu pai, Evandro, que o confiara a Eneias no lugar onde Roma haveria de nascer. Olhando o corpo de Palante, branco de neve, com uma grande ferida no peito, semelhante a uma flor calcada (a imagem é sáfica e catuliana), Eneias chora, impreca a Fortuna e manda cobrir o cadáver com duas colchas, bordadas a ouro e púrpura, que Dido lhe oferecera no tempo do amor. E é por amor de Palante que Eneias vai cometer o acto brutal que encerra o poema e contradiz toda a *pietas*, toda a *humanitas* que o herói havia laboriosamente adquirido.

Turno, rei dos Rútulos, era o maior inimigo de Eneias, o Aquiles do Lácio: lutava, com todas as suas forças, para expulsar o herói troiano e evitar que este casasse com a princesa que a Turno fora prometida e depois negada, Lavínia. No duelo singular do último canto, Eneias vence Turno: mas vence-o sem glória, porque os deuses abandonaram

e enfraqueceram o chefe rútilo. Turno está derrubado e ferido; a sua ferida, no entanto, não é mortal. Ao contrário de Heitor, poderia salvar-se: tudo dependia de Eneias. Turno reconhece a sua derrota e o direito de Eneias à posse de Lavínia; em troca, pede ao adversário que lhe poupe a vida e faça cessar os ódios entre Latinos e Troianos: *ulterius ne tende odiis* (12. 938). Eneias hesita, vai ceder — verdadeiramente genial, este momento de suspensão onde cabe todo o destino da humanidade —, mas, no baixar dos olhos, vê Turno enfeitado com o boldrié de Palante. E eis que o passado acode em turbilhão; as Fúrias da vingança apoderam-se da sua alma: Eneias cai a fundo — e trespassa o coração do vencido:

12. 948-952                    *‘Tunc hinc spoliis indute meorum  
eripiare mihi? Pallas te hoc uolnere, Pallas  
immolat et poenam scelerato ex sanguine sumit.’  
Hoc dicens ferrum aduerso sub pectore condit  
feruidus; ast illi soluuntur frigore membra  
uitaque cum gemitu fugit indignata sub umbras.*

«E és tu, logo tu, que, revestido dos despojos dos meus, / hás-de escapar às minhas mãos?... É Palante que te imola com este golpe, é Palante / que se vinga do teu sangue amaldiçoado.’ / E, dizendo estas palavras, mergulha o ferro no coração do inimigo. / A fúria o dominava. E logo aquele corpo se regela e desfaz; / e a vida, com um gemido, se esvai, revoltada, para o mundo das sombras.»

São as últimas palavras da *Eneida*. As últimas, também, que Virgílio escreveu. Palavras de tragédia, como o final do poema de Lucrécio, como o final da *Conjuração de Catilina* de Salústio. Eneias venceu, mas ficou vencido. Eneias cometeu um acto de vingança pessoal contra um vencido que implorava clemência e a cessação de todos os ódios. Eneias traiu o ideal enunciado por Anquises: *parcere subiectis*. O poema da construção da *pax Romana* termina com um acto brutal de violência. Mas, se o herói falhou, o poeta não falhou: a tragédia da *Eneida* não é apenas um símbolo da tragédia da história romana — mas da vida dos homens em geral.

Ocorre talvez perguntar: quem é Eneias? Augusto, sem dúvida, na intenção geral do poema. Mas também António, em Cartago; Heitor, vitorioso de Aquiles-Turno, no Lácio. E a outra face?

O homem do passado, o homem das lágrimas, o homem da incerteza e da angústia, o homem das frustrações, o homem da vitória igual a derrota?... *Madame Bovary c'est moi*, dizia Flaubert. Eneias é, de algum modo, o próprio Virgílio. Se penso no rosto do herói, não o vejo com a luz hierática e o queixo voluntarioso de Augusto, mas como a Virgílio representaram no mosaico de Hadrumeto, com aquelas faces cavadas, aqueles olhos cheios de um flama sombria, aquela fronte virada para um futuro cógnito e distante.

Há dois mil anos, Virgílio morreu, profundamente infeliz. Profundamente infeliz, mas não desesperado. Tudo é desordem ao nível do indivíduo, tudo é harmonia ao nível do universo. Virgílio acreditava que mais longe, para além do éter, mais tarde, para além do tempo, o sangue e as lágrimas do infeliz hão-de florir em sóis. Então a morte terá a face da Vida — porque ambas terão a face do Amor.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS